

# A unidade afetivo-cognitiva: aspectos conceituais e metodológicos a partir da psicologia histórico-cultural

*The affective-cognitive unity: theoretical  
and methodological aspects from the perspective  
of cultural-historical psychology*

*La unidad afectivo-cognitiva: aspectos conceptuales y  
metodológicos a partir de la psicología histórico-cultural*

*Patricia Verlingue Ramires Monteiro\**  
*João Henrique Rossler\*\**

## Resumo

*Este estudo teórico-metodológico teve por objetivo sistematizar o conceito de unidade afetivo-cognitiva a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Esse objetivo se justifica pela escassez de estudos acerca do tema na Psicologia e pela observância de que há uma predominância de visões dualistas acerca da razão e da emoção nos estudos psicológicos. Nesse sentido, o estudo da unidade afetivo-cognitiva pode trazer acréscimos à Psicologia por discutir os aspectos metodológicos da cisão razão/emoção e por evidenciar a união entre esses processos como parte essencial do processo humano de apreensão da realidade. Sendo assim, buscou-se discutir a constituição da consciência humana e da estrutura da atividade como unidades de análise da unidade afetivo-cognitiva. A partir de Leontiev e Vigotski, analisou-se a estrutura da atividade humana e sua expressão pelos significados sociais e sentidos pessoais como unidade afetivo-cognitiva. Essa investigação resultou na constatação de que a estrutura da atividade e a constituição da consciência humana demandam funções afetivo-cognitivas para formar a imagem subjetiva da realidade objetiva no psiquismo humano. Por isso, indicou-se, conforme afirma Vigotski, que*

---

\* Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, Brasil. E-mail: pativrm@gmail.com

\*\* Universidade Federal do Paraná, PR, Brasil. E-mail: joheross@yahoo.com.br

*entender a unidade afetivo-cognitiva como sistema semântico da consciência demanda o destrinchamento da relação entre a atividade humana e a forma como o ser torna essa atividade consciente.*

**Palavras-chave:** *unidade afetivo-cognitiva; atividade humana; consciência; Psicologia Histórico-Cultural.*

## Abstract

*This theoretical-methodological study aimed to systematize the concept of affective-cognitive unity in Historical-Cultural Psychology. This objective is justified by the scarcity of studies on the subject in Psychology and based on the observation that there is a predominance of dualistic views on reason and emotion in psychological studies. In this sense, the study of the affective-cognitive unit can present improvements to Psychology by discussing the methodological aspects of the reason/emotion split and for making evident the union between these processes as an essential part of the human process of apprehension of reality. Thus, we sought to discuss the constitution of human consciousness and the structure of activity as units of analysis of the affective-cognitive unity. Based on Leontiev and Vygotsky, we analyzed the structure of human activity and its expression by social meanings and personal senses as an affective-cognitive unit. This investigation resulted in the realization that the structure of activity and the constitution of human consciousness demand affective-cognitive functions to form the subjective image of objective reality in the human psyche. Therefore, it was pointed out, as Vygotsky states, that understanding the affective-cognitive unity as a semantic system of consciousness requires the study of how human activity relates to the way that the human being is aware and conscious of this activity.*

**Keywords:** *affective-cognitive unit; human activity; consciousness; Historical-Cultural Psychology.*

## Resumen

*Este estudio, teórico-metodológico, tuvo como objetivo sistematizar el concepto de unidad afectivo-cognitiva a partir de la Psicología Histórico-Cultural. Este objetivo se justifica por la escasez de estudios acerca del tema en la Psicología y por la observancia de que hay un predominio de visiones dualistas acerca de la razón y la emoción en los estudios psicológicos. En este sentido, el estudio de la unidad afectivo-cognitiva puede incrementar a la Psicología por discutir los aspectos metodológicos de la escisión razón / emoción y por evidenciar, la unión entre estos procesos como parte esencial del proceso humano de aprehensión de la realidad. Siendo así, se buscó discutir la constitución de la conciencia humana y de la estructura de la actividad como unidades de análisis de la unidad afectivo-cognitiva. A partir de Leontiev y Vigotski, se analizó la estructura de la actividad humana y su expresión por los significados sociales y*

*sentidos personales como unidad afectivo-cognitiva. Esta investigación resultó en la constatación de que la estructura de la actividad y la constitución de la conciencia humana demandan funciones afectivo-cognitivas para formar la imagen subjetiva de la realidad objetiva en el psiquismo humano. Por eso, se indica, según afirma Vigotski, que entender la unidad afectivo-cognitiva como sistema semántico de la conciencia, demanda desmenuzar la relación entre la actividad humana y la forma como el ser hace esa actividad consciente.*

**Palabras clave:** *unidad afectivo-cognitiva; actividad humana; la conciencia; Psicología Histórico-Cultural.*

Os estudos acerca da relação (ou da não-relação) entre afeto e cognição/razão e emoção datam dos primórdios da Filosofia, quando o ser humano passou a prestar atenção às suas emoções e ideias e a produzir um saber pautado na observação da *psique*. Apesar de se apresentar como um “braço” da Filosofia, foi principalmente em meio às áreas da Saúde e da Educação que a Psicologia pôde se desenvolver enquanto campo de atuação, de modo que os estudos acerca da loucura, da cognição, dos transtornos psiquiátricos, do comportamento, do desenvolvimento infantil etc. forneceram diversos nichos de inserção à ciência psicológica nascente (Antunes, 2011; Almeida, 2018). Isso porque, com o desenvolvimento da noção de indivíduo no capitalismo, o conhecimento psicológico passou a ser demandado socialmente para prever, controlar e garantir a produção social (Chagas, 2012).

Para Vigotski (2004), no que tange a compreensão acerca do afeto e da cognição, a Psicologia incorporou noções que dualizavam esses processos psíquicos, ora por tratá-los apenas como componentes orgânicos do ser (processos elementares estritamente fisiológicos, instintivos, epifenômenos da consciência etc.), ora por considerá-los unicamente em seu aspecto introspectivo (processos provenientes da alma do ser, inconscientes por natureza, sinalizações somatopsíquicas da alma/do inconsciente). No âmbito da Psicologia Histórico-Cultural, o termo *unidade afectivo-cognitiva* vem sendo utilizado para expressar a relação entre razão e emoção. A noção de união é elemento metodológico constituinte dessa abordagem psicológica, pois parte da lógica dialética do conhecimento, que assinala a não dicotomização na análise dos processos; neste caso, afeto e cognição

ou emoção e razão. Assim, a Psicologia Histórico-Cultural, encabeçada por Lev Semionovich Vigotski<sup>1</sup> (1896-1934), Alexis Nikolaevich Leontiev (1903-1979), Alexander Romanovich Luria (1902-1977) e outros estudiosos da Universidade de Moscou, apresenta-se como uma possibilidade de superação dessas visões dicotômicas no âmbito da ciência psicológica. Esta abordagem psicológica carrega consigo a possibilidade da crítica e superação da psicologia tradicional, por conta de um de seus fundamentos epistemológicos e metodológicos: o materialismo histórico-dialético (Bock, 2001).

Para Vigotski (2004), a primeira tarefa no estudo dos afetos e das emoções seria superar o enfoque dual, cartesiano, que assolava o entendimento da relação razão/emoção na filosofia e nas ciências, dentre elas a Psicologia, bem como no senso comum da época. Além disso, para o autor, um estudo acerca das emoções deveria se configurar como um par com o estudo sobre o desenvolvimento intelectual humano e com o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (FPS), incluindo-se nestas os sentimentos e as emoções, tudo isso sem se perder de vista que é na atividade humana que essas funções (inclusive a afetividade) se constituem e se expressam<sup>2</sup>. Conforme afirma Leontiev,

Devido ao instrumento, sua atividade absorve a experiência da humanidade. Daqui se deriva que os processos psíquicos do homem (suas “funções psicológicas superiores”) assumem uma estrutura que tem como vínculo inevitável os meios e procedimentos que foram formados no plano histórico-social, que lhe são transmitidos pelos homens que o rodeiam num processo de colaboração e de comunicação com estes. (Leontiev, 1978, p. 77-78. Grifos do autor. Tradução nossa.)<sup>3</sup>

---

1 Neste artigo se adotará a grafia Vigotski, respeitando-se as diferentes grafias nos casos de citação, uma vez que o nome deste autor pode variar em decorrência das diferentes traduções de sua obra.

2 A perspectiva adotada neste trabalho defende uma continuidade entre os trabalhos de Vigotski, Luria e Leontiev.

3 “Gracias a ello, su actividad *absorbe la experiencia de la humanidad*. De aquí deriva que los procesos psíquicos del hombre (sus “funciones psíquicas superiores”) adquieren una estructura que tiene como eslabón inevitable medios y procedimientos que se han formado en el plano histórico-social, que le son transmitidos por los hombres que lo rodean en el proceso de colaboración, de comunicación con éstos” (Leontiev, 1978, p. 77-78. Grifos do autor)

Para Leontiev (1978), em consistência com as afirmações de Vigotski, os processos psicológicos superiores se desenvolvem primeiro no âmbito *interpsicológico* da humanidade, ou seja, nas relações e na comunicação entre os membros da sociedade. Somente depois disso esses processos são devidamente interiorizados e se constituem como âmbito *intrapicológico*, como função psicológica superior singular de determinado indivíduo. Nesse sentido, a crítica tecida por Vigotski defende a existência de uma unidade entre afeto e cognição que surge na relação atividade-consciência e determina o sistema interfuncional da consciência. No entanto, apesar de indicar a possibilidade desta unidade, Vigotski não chegou a analisá-la de modo aprofundado em função de sua morte prematura, aos 38 anos, em 1934.

Considerando-se a aparente ausência de um desenvolvimento teórico-conceitual sistemático do problema da unidade afetivo-cognitivo no campo da Psicologia Histórico-Cultural e a relevância de tal tema, o presente trabalho buscou realizar um levantamento geral de estudos científicos recentes, realizados a partir desta abordagem teórico-metodológica e que tivessem abordado sistematicamente o problema. Para tanto, foi realizada pesquisa no Portal da Capes com a palavra-chave - *unidade afet cogn*, em que foram filtrados os estudos acadêmicos que apresentassem pelo menos duas dessas palavras, a fim de se investigar em que sentido elas geralmente são utilizadas. Neste levantamento, foram encontrados 233 artigos de diversas áreas do conhecimento<sup>4</sup>. Estes estudos foram tabulados e, na sequência, foi realizada a leitura de seus resumos, a fim de se verificar se os conceitos de afeto e cognição eram abordados na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. No entanto, dos artigos encontrados, apenas seis abordavam os referidos conceitos nesta perspectiva teórica. Estes artigos foram então analisados para identificar o termo “unidade afetivo-cognitiva” (ou derivados como: “unidade entre afeto e cognição”, “relação dialética entre afeto e cognição”, unidade afetivo-cognitivo, “unidade dos processos afetivos e intelectuais”). A partir disso, realizou-se a classificação do termo encontrado no artigo como sendo: a) noção não sistemática (quando o autor referencia a importância da unidade entre afeto e cognição sem

---

4 A pesquisa na referida base de dados ocorreu nos meses de maio e junho de 2018.

explicá-la, por exemplo no artigo de Martins, 2003, Diogo & Maheirie, 2007; Martins & Carvalho, 2016); b) noção sistemática (quando o autor cita o termo, explicando-o, porém sem desenvolvê-lo e conceitua-lo, como em Combinato & Queiroz, 2011, Mello, 2010; Martins & Carvalho, 2016); c) conceito sistemático (quando o autor efetivamente sintetiza o termo “unidade afetivo-cognitiva” num conceito teórico, explicando-o e situando-o cientificamente no âmbito Psicologia Histórico-Cultural, encontrado apenas no artigo de Martins & Carvalho, 2016).

Ao final dessa etapa, constatou-se a quase inexistência de estudos científicos que empreendessem uma sistematização conceitual e metodológica do termo em foco, em vista dos artigos publicados no Brasil nos últimos quinze anos. Do que foi encontrado na literatura da área até o momento, a tese de livre-docência de Ligia Márcia Martins (2011) e o artigo da desta em coautoria com Bruna Carvalho (2016), são trabalhos que avançam nos estudos acerca da unidade afetivo-cognitiva, podendo ser considerados como o que há de mais avançado sobre o assunto. Assim, vê-se a dificuldade de se falar em unidade afetivo-cognitiva, já que essa noção se dilui por todas as obras dos autores da Psicologia Histórico-Cultural. De tal modo, se faz necessário um estudo aprofundado de tal tema, uma vez que ele não foi objeto de análise sistemática.

Tendo em vista que a unidade afetivo-cognitiva é requisito metodológico para o entendimento da atividade humana e para o estudo materialista histórico-dialético acerca das emoções e sentimento, pois a afectogênese do objeto ao sujeito é primordial para o estabelecimento da atividade, bem como dos processos conscientes e cognoscíveis decorrentes dela; pergunta-se: o que é, de fato, a unidade afetivo-cognitiva? Ou, em outras palavras, quando se alude genericamente à unidade afetivo-cognitiva do que exatamente se está falando? Responder tais questões envolve explicar como se dá a gênese, o desenvolvimento e o posicionamento da unidade afetivo-cognitiva dentro do complexo categorial da Psicologia Histórico-Cultural.

Na busca por respostas críticas a tais questionamentos, tem-se por objetivo geral, na presente pesquisa, sistematizar teórico-metodologicamente o conceito de *unidade afetivo-cognitiva* a partir da Psicologia Histórico-Cultural à luz das contribuições filosóficas de autores do campo

do marxismo. Pode-se dizer, de antemão, que esta investigação teórico-metodológica se trata de uma *tentativa* de sistematização do conceito em causa, tendo em vista o emaranhado complexo de relações teórico-práticas que engendram o fenômeno da união afeto/cognição. Não existe pretensão, por parte deste estudo, de esgotar a sistematização do que se convencionou chamar *unidade afetivo-cognitiva*.

Para dar conta de seu propósito, a presente pesquisa, de caráter teórico-metodológico, organiza-se a partir de dois momentos principais e diretamente articulados, que correspondem ao movimento de construção da análise de seu objeto. O primeiro momento busca destacar a relação subjetividade-objetividade no desenvolvimento psiquismo, tendo como coluna vertebral a análise da relação entre atividade e consciência. No segundo momento do texto, apresenta-se a complexificação da relação afetivo-cognitiva, apontando o significado e o sentido como encarnações dessa unidade na personalidade humana. Partindo de um movimento próprio ao materialismo histórico-dialético, buscar-se-á analisar a relação entre afeto e cognição como unidade inerente à atividade humana, sendo esta um elemento organizador do desenvolvimento psíquico humano.

## ATIVIDADE E CONSCIÊNCIA

Destacar a relação entre atividade e consciência a fim de se pensar as bases da unidade afetivo-cognitiva de um ponto de vista teórico-metodológico implica em enfatizar que, na compreensão marxiana, foi a *atividade* de *trabalho* que tornou possível a transformação histórica do ser humano dos homínídeos primitivos ao ser humano atual – o *Homo sapiens sapiens*. Em outras palavras, foi pela confecção de instrumentos de trabalho, pela vida em sociedade e pelo desenvolvimento da linguagem para comunicação e planejamento grupal acerca do processo de trabalho que o ser humano foi se constituindo física e psiquicamente e foi desenvolvendo a consciência, isto é, o psiquismo consciente. A partir desse pressuposto, Vigotski, Luria e Leontiev, ao desenvolverem as bases teórico-metodológicas para a PHC, ativeram-se ao desenvolvimento de uma Psicologia radicalmente distinta da Psicologia tradicional da época. Esta última, de modo geral, utilizava-se

do método lógico-formal cartesiano, dualizando a compreensão do ser humano e, por vezes, negando a importância de um dos polos das relações analisadas, como, por exemplo, nas clássicas dicotomias sujeito/objeto, subjetividade/objetividade, mente/corpo; em que se privilegiava a *mente* em detrimento do *corpo*, por exemplo.

Para Leontiev (1978), a relação entre sujeito e objeto deve ser entendida como sendo fundamentalmente mediada pela atividade humana. Uma vez que mediação se configura como a “interposição que provoca transformações, encerra intencionalidade construída e promove desenvolvimento” (Martins, 2011, p. 42), produzindo tanto modificações qualitativas no sujeito quanto na materialidade do objeto, tem-se que a relação *sujeito-atividade-objeto* supera a dicotomia polarizada entre sujeito-objeto. Como afirma Leontiev,

A atividade é uma unidade molecular, não uma unidade aditiva da vida do sujeito material, corporal. Em um sentido mais estreito, isto é, a nível psicológico, é a unidade da vida mediatizada pelo reflexo psicológico, cuja função real consiste em orientar o sujeito no mundo objetivo. (Leontiev, 1978, p. 66-67. Tradução nossa)

Para o autor, é na relação que os sujeitos estabelecem com o mundo, por meio de sua atividade, que a humanidade desenvolve sua história, e é no desenrolar desse processo que se desenvolve o psiquismo consciente humano e as formas tipicamente humanas de comportamento. Essa questão, por sua vez, tem implicações diretas no entendimento da unidade afetivo-cognitiva, em especial, porque fornece a substância para se entender a relação afeto-cognição como aspecto constitutivo da atividade objetivada humana, ou seja, como mecanismo psicológico de funcionamento da própria relação entre a atividade humana no mundo e a constituição da consciência sobre esse mundo. Nesse sentido, a relação entre sujeito e objeto mediada pela atividade é a chave para que se compreenda a essência do problema da *unidade afetivo-cognitiva*.

Faz-se antes necessário frisar que, por mais diversa que seja, a atividade individual é um sistema imerso nas relações sociais objetivas, de modo que se constitui sempre como síntese de múltiplas determinações sociais. Segundo Leontiev (1978, p. 67, tradução nossa), “se subentende

que a atividade de cada homem depende, mais de seu lugar na sociedade, das condições que lhe tocam e de como se vão conformando em circunstâncias individuais que são únicas”. Desse modo, a atividade humana só existe em meio ao sistema de relações estabelecidas socialmente num dado período da produção histórico-social, resultante do trabalho coletivo ao longo das gerações. É, em síntese, no processo de ação do sujeito sobre o objeto que a atividade humana se objetiva no mundo e nas relações sociais. Essa atividade vai produzindo *subjetividade*, isto é, a imagem subjetiva do objeto (reflexo psíquico), que, por sua vez, passa a mediar a própria atividade sobre o objeto. É por isso que Leontiev (1978) confere à *atividade* a característica especial de posicionar o sujeito na realidade objetiva. Ao mesmo tempo em que a atividade transforma no sujeito essa realidade em subjetividade, ela converte essa imagem em uma forma de objetivação do sujeito no objeto, “a relação ativa sujeito-objeto, esclarecendo a dinâmica pela qual o objeto, existente fora e independentemente da consciência do sujeito, conquista também uma existência subjetiva” (Martins & Carvalho, 2016, p. 701). Portanto, ao atuar sobre o objeto, transformam-se mútua e simultaneamente sujeito e objeto, de modo que a própria relação sujeito-objeto se produz psiquicamente como afetivo-cognitiva.

Para Vigotski (2009),

O próprio pensamento não nasce de outro pensamento, mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções. Por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva. Só ela pode dar a resposta ao último *porquê* na análise do pensamento. Se antes comparamos o pensamento a uma nuvem pairada que derrama uma chuva de palavras, a continuar essa comparação figurada teríamos de assemelhar a motivação do pensamento ao vento que movimenta as nuvens. A comparação efetiva e plena do pensamento alheio só se torna possível quando descobrimos a sua eficaz causa profunda afetivo-volitiva. (p. 479-480, grifo do autor)

A união afeto-cognição torna possível as relações sujeito-objeto e sujeito-mundo, e a avaliação posterior dessa relação, em função da associação imanente entre *afeto* (processos psíquicos que instauram a atividade, dando-lhes seu tônus emocional ou sentimental e produzindo o motivo

desta atividade na consciência, em razão do objeto que afeta o sujeito por corresponder a uma determinada necessidade – o que já contém aspectos racionais) e a *cognição* (os processos psíquicos que captam o objeto que nos afeta, possibilitando o deslindamento das suas propriedades essenciais, bem como sua conceptualização na forma de e por meio de signos ou significados socialmente estabelecidos – que também contém em relações afetivo-culturais em sua síntese).

De acordo com Martins (2011), pode-se entender o *psiquismo humano* como uma *unidade material-ideal*, que se expressa no sujeito como a síntese das relações sociais a que este está exposto e cuja internalização produz um ser humano psicologicamente único. O psiquismo é a imagem do real refletida psiquicamente que, no universo humano engendrado pela vida social, pelo trabalho, pela internalização de signos (e significados) e pelo desenvolvimento da linguagem, passa à qualidade consciente. A imagem subjetiva da realidade objetiva é produzida, portanto, na relação ativa entre sujeito e objeto, relação esta que apreende as propriedades objetivas dos objetos que orientam a atividade – isto é, apreende suas determinações, sua causalidade e sua processualidade interna. A consciência é, assim, expressão *ideal* desse processo, mas não unicamente enquanto *vivências internas* e sim, também, como “ato psíquico experienciado pelo indivíduo e, ao mesmo tempo, expressão de suas relações com os outros homens e com o mundo” (Martins, 2011, p. 28). Nesse processo, compreende-se a estruturação da atividade psíquica consciente como um processo correspondente à estruturação da atividade externa do sujeito. A atividade subjetiva, *interna*, deriva da atividade prática externa, sintetizando as relações sociais que a produzem, ao mesmo tempo em que produz e regula idealmente essa mesma atividade prática, *externa*. Ou seja, há uma unidade dialética entre objetividade-subjetividade, externo-interno, individual-social, o que permite que se afirme que a relação *sujeito-atividade-objeto*<sup>5</sup> supera

---

5 A relação sujeito-atividade-objeto ocorre em meio à dinâmica entre os processos de *apropriação* e *objetivação* da atividade humana, em que se tem: apropriação pelo sujeito do mundo objetivo, em forma de reflexo psíquico consciente, e objetivação pelo sujeito da atividade psíquica, na forma de objetivações materiais ou simbólicas, como produtos resultantes da atividade regulada por essa apropriação e vice-versa (Leontiev, 1978).

a clássica dicotomia sujeito/objeto. Por sua vez, a constituição do reflexo psíquico como imagem subjetiva do mundo, ou seja, o processo de reflexão ideal da realidade objetiva, é a apreensão cognitivo-afetiva desta realidade. Fala-se, nesse caso, em apreensão cognitivo-afetiva, pois falar em reflexo psíquico demanda entender a vinculação da atividade aos processos cognitivo-afetivos de apreensão e reflexão da causalidade imanente ao real, da processualidade que regula a existência dos objetos e que orienta a atividade humana (Lukács, 2013). Destarte, a reflexão cognitivo-afetiva da realidade objetiva como imagem subjetiva possibilita a apreensão abstrato-concreta das propriedades causais dos objetos existentes, isto é, dos elementos que lhe causam e lhe determinam como sendo *o que é* e não *outra coisa*.

Um exemplo simples é quando a necessidade de alimento é percebida como fome, excitando, na condição de motivo, a atividade de se alimentar do sujeito e a procura do objeto que lhe satisfaça. Aspectos afetivo-cognitivos engendram e constituem tal processo, na medida em que se escolhe um objeto que satisfaça àquele tipo específico de fome e se selecionam os meios viáveis para satisfazê-la ou não: “sinto fome, gostaria de comer o bolo da minha avó”; “sinto fome, mas só tenho macarrão em casa e detesto macarrão”; “sinto fome, mas não possuo o que comer”; etc. Portanto, imediatamente à percepção da fome, este sujeito reflete em sua atividade psíquica, como imagem ou reflexo psíquico, as propriedades causais dos objetos existentes de que dispõe ou não para comer e para a tarefa de realizar sua atividade (preparar o alimento etc.). Assim, tem-se determinadas reações ou estados afetivos, isto é, emoções e sentimentos produzidos pelo objeto, pela necessidade e motivos da atividade bem como pelo seu contexto. O reflexo psíquico consciente envolve, portanto, como unidade dinâmica, aspectos afetivo-cognitivos referentes tanto à realidade objetiva quanto à realidade interna (subjetiva) do sujeito, fundindo objetividade e subjetividade como unidade da sua atividade consciente. A unidade afetivo-cognitiva é, portanto, expressão da relação entre atividade e consciência, ou melhor, expressão consciente da atividade do sujeito, que regula ao mesmo tempo essa mesma atividade, de modo que o vínculo sujeito-objeto se constitua como imagem psíquica, como signo, como conceito, o qual funde objetividade e subjetividade.

Esse processo constitui-se a partir de três elementos interligados dinamicamente: 1) a consciência do objeto sobre o qual se age (o conhecimento, o reflexo psíquico de suas propriedades essenciais); 2) a consciência dos meios que melhor se ajustem às propriedades objetivas do objeto (o reflexo psíquico dos instrumentos e signos necessários); e 3) a consciência dos fins que orientam esse processo (o reflexo psíquico da finalidade posta). Nele, o caráter cognitivo da atividade está imanentemente conectado a seu aspecto afetivo e vice-versa, uma vez que a consciência dos objetos, dos meios e dos fins da atividade *afetam* positiva ou negativamente o sujeito, passando a regular sua atividade e, com isso, a retroagir sobre a própria atividade que lhe produz, podendo, inclusive, modificar a sanção dos objetos, dos meios e, conseqüentemente, dos resultados dessa atividade. Em outras palavras, há que se compreender concretamente a constituição afetivo-cognitiva da imagem subjetiva da realidade objetiva – do reflexo psíquico consciente que regula a atividade humana e que é produzido na relação sujeito-objeto – como unidade dinâmica entre seu conteúdo objetivo e sua ressonância afetiva (Martins & Carvalho, 2016), denominada por Leontiev como *afectogênese do objeto*. Portanto, se entende a unidade afetivo-cognitiva como expressão da *relação* entre atividade e consciência na relação do sujeito com os objetos da realidade externa, sejam eles objetos materiais (como os instrumentos e utensílios de uma dada cultura) ou simbólicos (como as palavras, os conceitos, os números, a arte etc.). A dimensão afetivo-cognitiva dos processos psíquicos que orientam e regulam a atividade humana supõe a compreensão dos afetos como algo “inerente ao ato cognitivo e vice-versa, já que nenhuma emoção ou sentimento, bem como nenhum ato de pensamento, podem se expressar como conteúdos puros, isentos um do outro” (Martins & Carvalho, 2016, p. 702).

Nesse sentido, é a partir da análise mais aprofundada da conexão entre os componentes da consciência (conteúdo sensível, significado social e sentido pessoal) e da atividade (necessidades, motivos e finalidades) que se pode chegar à determinação afetivo-cognitiva que constitui os processos psíquicos humanos. No próximo tópico, o intuito será sintetizar de forma preliminar alguns apontamentos gerais sobre a gênese desse processo,

que está contida na própria gênese da relação entre atividade humana e consciência, para então sistematizar formas de expressão afetivo-cognitiva na vida humana.

## A COMPLEXIFICAÇÃO DA RELAÇÃO AFETIVO-COGNITIVA: O SIGNIFICADO SOCIAL E O SENTIDO PESSOAL

Para Leontiev (1978), a trama sensorial da consciência humana (seu conteúdo sensível) fornece a base material dos processos psíquicos, isto é, das idealizações, representações e formulações conscientes acerca do mundo. Isso permite ao ser humano correlacionar os *significados sociais* com os *sentidos pessoais* de suas atividades. Na atividade humana, esse processo se inicia com o processo de afectogênese do objeto, em que se tem a união entre o estado carencial do sujeito – *necessidade* – frente a uma série de estimulações sensório-perceptivas, sancionadas pelo crivo afetivo de acordo com as possibilidades reais de se atender ao estado carencial determinado pela necessidade. Sendo assim, parte-se da noção sintética de que a atividade é instaurada pelo conjunto necessidade-sensação-emoção, que obtém objetividade pela descoberta do objeto (motivo) gerador de tensão, ou seja, de carência.

O próprio conceito de *necessidade*, para Leontiev (1978), expressa a síntese acima mencionada, uma vez que a necessidade é vivenciada pelo sujeito como um estado carencial, de cunho afetivo e mobilizador de uma tensão que prepara o sujeito para a ação, mas que, por si mesma, se expressa como sensação de vazio, de falta. Essa tensão, portanto, indica tanto uma sensação (*carência*) quanto uma direção de satisfação (*carência de algo*). Destarte, é só no encontro do objeto que satisfaça essa carência que a atividade pode se instalar e que a necessidade pode se objetivar, se significar, ou seja, se *motivar*. A relação com o objeto que resolve a sua necessidade modifica o sujeito enquanto produz novas necessidades e novas formas de atividade. Como afirma Leontiev (1978),

[...] as vivências subjetivas, o querer, o desejar etc., não são motivos, porque não são capazes de engendrar por si só uma atividade orientada e,

consequentemente, a questão psicológica fundamental reside em compreender em que consiste o objeto desse querer, desse desejo ou paixão. (Leontiev, 1978, p. 153, tradução nossa)

Assim, ao motivar-se no objeto, a necessidade se transforma psicologicamente, traduzindo-se em imagem subjetiva. Essa imagem, por sua vez, se desmembra em significados com um sentido particular para o sujeito, possibilitando o atendimento satisfatório da *finalidade da atividade*. Na estrutura da atividade, esse processo se traduz pelo salto qualitativo entre necessidade e motivo, ou seja, quando uma *carência* que afeta o sujeito impele-o a buscar meios que lhe satisfaçam. É a dinâmica da unidade afetivo-cognitiva na estrutura da atividade humana que possibilita, portanto, que a necessidade seja ligada a um fim cabível. Destarte, a unidade afetivo-cognitiva se encarna na unidade significado-sentido, ou seja, sob a forma de *significados sociais* que, em sua genericidade, representam o universo simbólico humano, adquirindo *sentido pessoal* na medida em que ligam o significado à finalidade da atividade singular do indivíduo que pensa, sente e age de forma particular.

A atividade humana se desenrola numa cadeia de ações, as quais se articulam entre si, tendo como mediação algo (instrumento/signo) ou alguém (outros seres humanos). Nesse sentido, a atividade tem caráter causal e teleológico, apresentando sempre um *por que* – seu motivo – e um *para quê* – seu objeto/sua finalidade que, de modo pragmático, podem se fragmentar em diversas ações articuladas que cumpram da melhor forma o projeto teleológico para satisfação da necessidade. Vale frisar também que a finalidade da ação nem sempre reflete o motivo da atividade. Isso é importante porque confere um caráter prático, objetivo e objetivado à atividade, possibilitando a avaliação racional e a sua sanção afetiva enquanto ocorre. Essa sanção pode tanto mudar o curso da atividade quanto o caráter de certas ações, transformando-as em uma nova atividade pelo deslocamento do motivo da atividade para o fim da ação (Leontiev, 1978).

É o processo da atividade que demanda, *afetivo-cognitivamente*, a atividade interna das *funções psicológicas superiores*, uma vez que o sujeito reage “ao mundo pelas sensações, percepções, atenção, memória,

pensamento, linguagem, imaginação, emoções e sentimentos” (Martins & Carvalho, 2016, p. 707). Dependendo da natureza, da intensidade e do conteúdo dessa relação afetivo-cognitiva, diferentes funções são mobilizadas em diferentes graus, convertendo-se afetivo-cognitivamente em conteúdo consciente da atividade e criando um sistema de interconexões entre as funções psicológicas, isto é, constituindo um microsistema único, um agrupamento funcional com *neoformações* psíquicas no decorrer do desenvolvimento ontogenético (Coelho, 2017). Essa neoformação “é o resultado de um agrupamento funcional, de uma nova síntese da conexão sistêmica entre as funções elementares (percepção, pensamento, linguagem, memória, atenção etc.) que aparece primeiro nas vivências e se converte em função individual” (Coelho, 2017, p. 52).

A partir das neoformações psíquicas pode-se pensar nas interconexões das FPS, tonalizadas nas atividades do sujeito, como o elemento que constitui o *esteio psíquico de operação* da unidade afetivo-cognitiva. Sobre a dinâmica dessa operação, toma-se como premissa a noção de que

[...] as FPS surgem das relações dotadas de sentido, primeiro na história da humanidade, depois, quando comparecem na história de vida de um indivíduo (intersíquica), provocam novas relações funcionais (intrapíquica) que reestruturam a qualidade da atividade da consciência formando um sistema particular de interconexão funcional, distinto das funções elementares (fragmentadas), que saltam para momentos qualitativamente distintos. [...] É assim que os sistemas interfuncionais se originaram no meio, nas relações com os outros (relações interpsicológicas), e passam a fazer parte da dinâmica psíquica individual (relação intrapsicológica), na relação da pessoa com ela mesma (na forma de fala interna) tornando possível o pensamento reflexivo e a autoconsciência. (Coelho, 2017, p. 51)

Para o entendimento desse processo é importante que se destaque o fenômeno das *vivências*. Para Vigotski (1999), a vivência se refere à experiência internalizada pelo sujeito em sua relação com o objeto. É, portanto, a unidade dinâmica da vida consciente. A vivência marca o sujeito na medida em que integraliza vários processos psíquicos superiores (as FPS) que constituem a imagem subjetiva do “eu” na relação com determinado objeto, imagem essa formada de modo singular, único. A vivência

emerge sempre com tons afetivos, perpassados pelos significados sociais condensados nos signos, nas palavras e nas relações humanas. Por isso, ela reflete a experiência de forma singular e subjetiva para o sujeito, como imagem subjetiva do real. Segundo Leontiev (1978), os conteúdos sensoriais incluídos no sistema da consciência se expressam subjetivamente de modo indireto na vivência difusa do sentido da realidade, sendo formados em primeira instância pela atividade do sujeito. Tem-se, assim, sensação e emoção instituindo a vivência subjetiva a partir de uma experiência que provém da atividade. Portanto, o fluxo afetivo-cognitivo de formação do conteúdo consciente tem como balizadores dinâmicos, além da trama sensorial, o *significado social* e o *sentido pessoal*, que se transformam a partir das relações sociais. Todavia, esse processo não é direto, visto que é mediado pelas FPS, sendo as relações entre o pensamento (de algo) e o afeto (a afectogênese do objeto e a partir do *pensamento de algo*) as formas mais complexas de manifestação da unidade afetivo-cognitiva.

As vivências apresentam papel importante aqui, na medida em que o produto dessas neoformações, efeito da atividade na mobilização das FPS que constitui a imagem subjetiva, requalifica a própria vivência do sujeito, possibilitando formas mais complexas de relação com o mundo e com os outros sujeitos. No decorrer da vida, o sujeito experiencia inúmeras vivências; algumas delas serão fugazes, outras deixarão uma marca na história da pessoa. Martins e Carvalho (2016) caracterizam como *vivências afetivas* aquelas que alteram a atitude do sujeito diante do objeto, de acordo com o tono afetivo mobilizado por esse mesmo objeto. Ela é afetiva na medida em que nasce do afeto que as diferentes interconexões entre as FPS, determinadas pelo objeto, produzem no indivíduo. A partir dessa noção, as autoras apontam dois tipos de vivências afetivas, as *nucleadas por emoções* e as *nucleadas por sentimentos*, as quais estão unidas na atividade humana. As primeiras, nucleadas por emoções, fornecem aos sentimentos a tonicidade afetiva (crivo agradável/desagradável, bem-estar/mal-estar) do experienciado; ao passo que as segundas, nucleadas por sentimentos, conferem às primeiras seu conteúdo, uma vez que os sentimentos se constituem em meio ao sistema de conceitos, os quais, por sua vez, se formam a partir dos *significados sociais*. Assim, a atividade social se singulariza na

atividade psíquica do sujeito. O motivo, sendo síntese entre objetividade e subjetividade, mobiliza as funções psíquicas necessárias à intervinculação entre significado e sentido, transformando zonas de significados advindos das relações sociais em zonas de significados particulares ao sujeito, isto é, em *sentido pessoal* (Vigotski, 2009).

Igualmente, os distintos tons emocionais e sensoriais produzidos na e pela atividade humana mobilizam de forma diferenciada as FPS, transformando-as e complexificando-as nesse processo. A mobilização desigual das FPS, frente à afecção da atividade e de seu motivo refletidos na consciência, aponta para a síntese proposta por Spinoza e depois revisitada por Marx acerca da unidade entre os processos cognitivos e afetivos na relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. A partir disso, vale ressaltar que a mobilização das funções psicológicas no processo de atividade engendra significados e sentidos que dão forma, expressam a unidade afetivo-cognitiva tanto no âmbito objetivo das relações sociais como no âmbito subjetivo singular (do sujeito). A formação do significado e do sentido como unidade é resultado do modo como se dão os agrupamentos funcionais (das FPS) e de como eles atuam psiquicamente, sendo que a configuração dessas neoformações é, e só pode ser, afetivo-cognitiva. Em síntese, a unidade afetivo-cognitiva fornece o esteio de formação das relações entre as FPS. Assim, pode-se compreender o caráter único, singular e histórico do sujeito que se constitui nas e pelas relações sócio-históricas. Ao ser constituído na e pela sua atividade ao produzir sua vida, o sujeito manifesta em suas expressões mais íntimas a historicidade social, as relações sociais de que é fruto, a ideologia e o modo de produção vigentes. Essas relações sociais se expressam na personalidade singular, possibilitando o surgimento de novas produções, novas necessidades, novos sentidos e significados sociais. Portanto, entender a unidade afetivo-cognitiva como relação entre atividade e consciência, que se expressa na relação significado-sentido, envolve compreender o sujeito singular em sua forma única de *ser*.

Da mesma forma que indivíduo e sociedade não mantêm uma relação isomórfica entre si, constituindo um ao outro (Aguiar & Ozella, 2006) significado social e sentido pessoal como materializações da unidade afetivo-cognitiva, constituem-se reciprocamente. No âmbito intrapsíquico, é na

atividade que os sentidos são produzidos, engendrando a personalidade do indivíduo frente às relações sociais (fazendo um caminho que vai da sociedade para o indivíduo). Igualmente, do ponto de vista interpéssico, essa mesma atividade que particulariza a formação do sentido pessoal faz o caminho inverso, refletindo esses sentidos pessoais, singulares, em significados sociais (percorrendo o caminho inverso, “do indivíduo para a sociedade”), de modo que a consciência se constitui tanto como produto quanto como produtora de relações sociais, dinâmica essa própria da *dialética singular-particular-universal* (Oliveira, 2005). O sujeito, portanto, “não é nem um sujeito hipostasiado (cartesiano, que funda tudo o que existe ao seu redor), nem um sujeito inexistente (assujeitado, que apenas espelha o que existe ao seu redor)” (Delari Jr., 2012, p. 7). É, em sua relação com os objetos que orientam sua atividade, um sujeito que se constitui afetivo-cognitivamente emergindo das relações sociais, agindo sobre o mundo e tomando consciência sobre suas relações materiais e ideais. Assim, o sujeito é “[...] emergente nas relações nas quais a pessoa necessita colocar-se como tal, assumindo um determinado papel social, um sujeito pai na relação com seu filho, um sujeito filho na relação com seu pai [...]” (Delari Jr., 2012, p. 7-8), e são os conflitos entre os diferentes papéis que assume, gerando conflito e tensão na personalidade, que põem o sujeito perante uma situação de escolha, de controle de sua própria conduta, de consciência de suas vivências e de seus desejos (Vigotski, 2009).

Nesse processo há que se considerar o papel central da *linguagem*. O ser humano como ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, constitui sua singularidade através de mediações sociais particulares. Essa mediação ocorre por meio dos signos, instrumentos culturais e psicológicos que constituem a atividade interna e de relação entre os seres humanos. Além de possibilitar o desenvolvimento da cultura, do gênero humano, o instrumento psicológico é um meio de influir em *si mesmo* — não só no objeto externo, mas na própria consciência humana, e a linguagem é o signo que torna o produto da atividade reconhecível idealmente pelo sujeito por se configurar como meio de comunicação entre os participantes do processo de produção e como produto — significado social — desse processo. Dessa forma, a atividade integra afetivo-cognitivamente a consciência por meio

da linguagem, do pensamento e da relação entre os seres humanos. O significado social é síntese entre pensamento e linguagem e se manifesta afetivamente no âmbito do sujeito singular como sentido pessoal, sem perder sua conexão essencial com a significação social.

Como o significado social e o sentido pessoal carregam em si a essência afetivo-cognitiva da atividade social humana de que decorrem, Vigotski (2009) considerou de essencial importância estudar a intervinculação entre pensamento e linguagem para melhor compreender o desenvolvimento do psiquismo. Segundo o autor,

A análise que decompõe a totalidade complexa em unidade reencaminha a solução desse problema vitalmente importante para todas as teorias aqui examinadas. Ela mostra que existe um *sistema semântico dinâmico* que representa a unidade dos processos afetivos e intelectuais, que em toda ideia existe, em forma elaborada, uma relação afetiva do homem com a realidade representada nessa ideia. Ela permite revelar o movimento direto que vai da necessidade e das motivações do homem a um determinado sentido do seu pensamento, e o movimento inverso da dinâmica do pensamento à dinâmica do comportamento e à atividade concreta do indivíduo. (Vigotski, 2009, p. 16)

Para Vigotski, a unidade interna da relação entre pensamento e linguagem é o *significado da palavra*, que sintetiza na consciência os significados sociais do universo simbólico humano, de modo que o sentido se coagula no significado da palavra, retroalimentando a sua existência. O sentido expressa a unidade de todos os processos afetivo-cognitivos e biológicos da vida do sujeito. Dessa forma, o significado é uma zona do sentido que unifica a relação simbólico-afetiva de todos os tipos de expressões humanas na personalidade do sujeito singular (Aguiar & Ozella, 2006). Nesse ínterim, estudar a objetivação da unidade afetivo-cognitiva nas manifestações do significado social e, conseqüentemente, do sentido pessoal, é estudar como significado e sentido se produzem culturalmente, constituindo conceitos e formas singulares de expressão da individualidade humana. Desse modo, falar em unidade afetivo-cognitiva é falar da forma como o sujeito sente e reflete o mundo ao redor, formando em seu psiquismo uma imagem subjetiva complexa desse mundo objetivo.

Vale salientar o caráter dialético complementar entre palavra e conceito, em que, mesmo na criança, o uso da palavra dirige arbitrariamente sua atenção a certos atributos de determinados objetos (Vygotski, 2006). A utilização de palavras leva o sujeito a sintetizar e simbolizar conceitos abstratos, passando a fazer uso delas como signos mediadores de várias operações afetivas/intelectuais. Por isso é que, mediante o pensamento abstrato conceitual, o sujeito pode se apropriar e compreender a realidade, a história, bem como a realidade de vida de outras pessoas e de *si mesmo*. Sendo assim, o pensamento em conceitos pode penetrar radicalmente os objetos, chegando a destrinchar os nexos e relações inerentes a esses (Vigotski, 1999). Partindo-se da dialética entre o universal, o particular e o singular, o pensamento em conceitos também pode auxiliar num processo de desenvolvimento mais apurado da consciência social dos sujeitos (Oliveira, 2005).

Por fim, vimos — e devemos-lo sublinhar particularmente — que a consciência individual do homem só pode existir nas condições em que existe a consciência social. A consciência é o reflexo da realidade, refratada através do prisma das significações e dos conceitos *linguísticos*, elaborados socialmente. Estes traços característicos da consciência são todavia apenas os mais gerais e os mais abstratos. A consciência do homem é a forma histórica concreta do seu psiquismo. Ela adquire particularidades diversas segundo as condições sociais da vida dos homens e transforma-se na sequência do desenvolvimento das suas relações econômicas. (Leontiev, 1978, p. 88)

Para Vigotski (2009), a formação de conceitos pode ser interpretada como uma estrutura de generalização, engendrando a dinâmica entre os conceitos gerais e os conceitos particulares, assim como entre os conceitos abstratos e os concretos. Ao final, os conceitos *mais complexos* se estabelecem como generalização das generalizações, relacionando conceitos semelhantes entre si e qualificando-os à totalidade da esfera dos conceitos, materializando-se nos significados e sentidos vivenciados pelos seres humanos de carne e osso. Dessa forma, o que confere sentido à atividade humana são as relações sociais que conectam um indivíduo ao restante da sociedade.

É dessa forma que a unidade afetivo-cognitiva se expressa sob a forma de significados sociais que, em sua genericidade, representam o universo dos signos humanos, convertendo-se em sentido na medida em que unificam o significado à finalidade afetiva da atividade singular do indivíduo. A partir disso, entende-se que a relação sujeito-objeto se transforma afetivo-cognitivamente na relação subjetividade-objetividade. É no processo de ação do sujeito sobre o objeto que a atividade se objetiva no mundo e nas relações sociais, na mesma medida em que vai produzindo a subjetividade do sujeito. É pela qualidade consciente do psiquismo que a imagem subjetiva da realidade objetiva se concretiza afetivo-cognitivamente em motivos e finalidades da atividade, bem como em significados sociais que adquirem, cada qual, um sentido pessoal. Contudo, esse processo não é direto, pois perpassa vivências, depende da formação de conceitos e da hierarquia de motivos na personalidade do sujeito. Além disso, esses aspectos são forjados concretamente numa sociedade de classes que propicia o desenvolvimento desintegrado da consciência humana por alienar a relação entre sujeito e objeto, alienando também as relações entre os próprios sujeitos produtores de relações sociais.

Portanto, a adequada construção da imagem subjetiva da realidade objetiva no psiquismo humano, a qual se desenvolve a partir da dinâmica atividade-consciência, demanda um objeto que afete o sujeito de uma determinada maneira e com uma dada intensidade, processo esse que se expressa afetivo-cognitivamente por meio dos significados e dos sentidos. Em outras palavras, a expressão da unidade afetivo-cognitiva na *unidade significado social-sentido pessoal*, como produto da dinâmica interfuncional do psiquismo humano, dá forma, de modo mais ou menos adequado, à imagem subjetiva da realidade objetiva. Por isso, aponta-se que a dinâmica interfuncional do psiquismo é produzida afetivo-cognitivamente, da mesma forma em que é requalificada e complexificada pela unidade afetivo-cognitiva do psiquismo, que por sua vez, tonifica as FPS de diferentes maneiras e em intensidades distintas (processo de composição de *neoformações*). Tal processo depende das demandas apresentadas pelas atividades que o

sujeito realiza: “a unidade afetivo-cognitiva que sustenta a atividade humana demanda a afirmação da emoção como dado inerente ao ato cognitivo e vice-versa” (Martins & Carvalho, 2016, p. 702).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizou-se, neste artigo, uma reflexão acerca do caráter afetivo-cognitivo da atividade consciente humana como unidade, trilhando um caminho metodológico-conceitual que pudesse fornecer substância ao objeto de estudo apresentado. É nesse sentido que se asseverou que a atividade coletiva do ser humano possibilita o desenvolvimento do psiquismo pela apropriação dos signos, da linguagem, das FPS e, conseqüentemente, da unidade que se estabelece entre significado social e sentido pessoal.

A consciência, como qualidade do psiquismo humano, se forma no processo de apropriação e objetivação do sujeito enquanto produto das relações sociais no mundo. Por isso, faz-se necessário entender a relação entre atividade e consciência como unidade mínima de análise da *unidade afetivo-cognitiva*, uma vez que, ao *afetar-se* com o objeto, o sujeito passa a refleti-lo, senti-lo, racionalizá-lo, conhecê-lo, desmembrá-lo, caracterizá-lo, classificá-lo e conceituá-lo. Isso, portanto, só pode ser compreendido se se toma o sujeito como produto da relação afetivo-cognitiva decorrente da relação essencial entre atividade e consciência. Essa é a tônica defendida aqui, dando ênfase à forma de expressão da unidade afetivo-cognitiva: a dinâmica psicológica estabelecida entre o significado social e o sentido pessoal, a qual se forja da amálgama do sistema de interconexões entre as FPS e pelas neoformações psíquicas.

Este artigo se encerra como uma aproximação à sistemática do conceito de *unidade afetivo-cognitiva*, tão caro à Psicologia Histórico-Cultural e tão importante de ser estudado em tempos de luta contra dualismos e idealismos. Em resposta à questão *em que consiste, de fato, a unidade afetivo-cognitiva?* responde-se, com fundamento em Vigotski (2009): é o sistema semântico da relação significado-sentido na consciência humana. Portanto, falar em unidade afetivo-cognitiva é falar da forma como o sujeito sente, reflete e conceitualiza o mundo ao redor, formando em seu

psiquismo uma imagem subjetiva desse mundo objetivo, fornecendo-lhe, em suas vivências, sentidos afetivo-cognitivos e construindo, imerso nessas relações, uma personalidade única, singular. Entende-se, portanto, o estudo da unidade afetivo-cognitiva como passo essencial no entendimento dos processos afetivo-cognitivos como opostos interiores, não dicotomizáveis. A unidade afetivo-cognitiva é inalienável em sua essência, mas sua compreensão e estudo podem aparecer cindidos, dualizados e, portanto, podem levar a uma compreensão superficial acerca do que ela é e de como se constitui. A separação teórica entre afeto e cognição leva a uma distorção da imagem subjetiva da realidade objetiva no psiquismo humano, a qual oblitera a relação subjetividade-objetividade, o que, por sua vez, se traduz psicologicamente na naturalização dos fenômenos, na generalização de sua forma caótica e aparente na consciência, numa atitude espontânea, pragmática e imediatista frente ao mundo, frente à realidade social. O resultado é que, com isso, é fomentada uma compreensão alienada sobre a realidade. Apesar disso, não se pode esquecer que todo fenômeno contém em si o seu contrário. Na sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que as atividades produtivas humanas carregam uma dimensão de exploração, elas possuem também uma dimensão humanizadora e emancipatória. As condições degradantes de vida podem impulsionar os seres humanos à tomada de consciência das relações de exploração a que estão submetidos e contra as quais podem lutar em direção ao fim da dominação do homem pelo homem. Sendo assim, estudar os desdobramentos práticos da cisão entre razão e emoção, bem como os desenvolvimentos da unidade afetivo-cognitiva nesta sociedade é algo que se faz necessário no arcabouço teórico da PHC, a fim de se construir um saber em Psicologia cada vez mais direcionado à emancipação humana.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2): 222-245.

- Almeida, M. R. (2008). *A relação entre a consciência individual e a consciência de classe: uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Antunes, R. (2011). Os exercícios da subjetividade: as reificações inocentes e as reificações estranhadas. In: *Caderno CRH*. 24(1): 121-131.
- Bock, A. M. B. (2001). A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves, & O. Furtado (Orgs.) *A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (pp.15-35). São Paulo, Brasil: Cortez.
- Chagas, E. F. (2012). O indivíduo na teoria de Marx. *Revista Dialectus*, 1(1), 1-16.
- Coelho, T. P. C. (2017). *O desenvolvimento da criatividade em Piaget e Vigotski*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Assis.
- Combinato, D. S., & Queiroz, M. de S. (2011). Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(9), 3893-3900. Recuperado de: [http://link.periodicos.capes.gov.br/ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41//cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp\\_ctx\\_svc\\_id=1&tmp\\_ctx\\_obj\\_id=1&tmp\\_parent\\_ctx\\_obj\\_id=&service\\_id=100000000002113&request\\_id=28143975](http://link.periodicos.capes.gov.br/ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41//cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp_ctx_svc_id=1&tmp_ctx_obj_id=1&tmp_parent_ctx_obj_id=&service_id=100000000002113&request_id=28143975)
- Delari Jr., A. (2012). *O sujeito e a clínica na psicologia histórico-cultural: diretrizes iniciais*. Recuperado de: <http://www.vigotski.net/clinica-ufms.pdf>
- Diogo, M. F., & Maheirie, K. (2007). Uma breve análise da constituição do sujeito pela ótica das teorias de Sartre e Vygotski. *Aletheia*, 25, 139-151. Recuperado de: [http://link.periodicos.capes.gov.br/ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41//cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp\\_ctx\\_svc\\_id=1&tmp\\_ctx\\_obj\\_id=1&tmp\\_parent\\_ctx\\_obj\\_id=&service\\_id=100000000002113&request\\_id=28144189](http://link.periodicos.capes.gov.br/ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41//cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp_ctx_svc_id=1&tmp_ctx_obj_id=1&tmp_parent_ctx_obj_id=&service_id=100000000002113&request_id=28144189).
- Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo, Brasil: Boitempo.
- Leontiev, A. N. (1978). *Atividade, consciência y personalidad*. Buenos Aires: Ciencias del Hombre.

- Martins, L. M. (2011). *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica*. (Tese de Livre Docência). Universidade Estadual Paulista, Bauru.
- Martins, L. M., & Carvalho, B. (2016). A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 21(4), 699-710.
- Martins, M. S. C. (2003). A escrita e as outras linguagens. *Alfa*, 47(2), 41-58. Recuperado de: [http://link.periodicos.capes.gov.br.ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41/cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp\\_ctx\\_svc\\_id=1&tmp\\_ctx\\_obj\\_id=1&tmp\\_parent\\_ctx\\_obj\\_id=&service\\_id=1000000000002113&request\\_id=28144133](http://link.periodicos.capes.gov.br.ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41/cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp_ctx_svc_id=1&tmp_ctx_obj_id=1&tmp_parent_ctx_obj_id=&service_id=1000000000002113&request_id=28144133).
- Mello, S. A. (2010). Ensinar e aprender a linguagem escrita na perspectiva histórico-cultural. *Psicologia Política*, 10(20), 329-343. Recuperado de: [http://link.periodicos.capes.gov.br.ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41/cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp\\_ctx\\_svc\\_id=1&tmp\\_ctx\\_obj\\_id=1&tmp\\_parent\\_ctx\\_obj\\_id=&service\\_id=3277000000000006&request\\_id=28144002](http://link.periodicos.capes.gov.br.ez22.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41/cgi/core/sfxresolver.cgi?tmp_ctx_svc_id=1&tmp_ctx_obj_id=1&tmp_parent_ctx_obj_id=&service_id=3277000000000006&request_id=28144002).
- Oliveira, B. (2005). A dialética do singular-particular-universal. In: A. A. Abrantes, N. R. da Silva, & S. T. F. Martins (Orgs.) *Método Histórico-Social na Psicologia Social* (pp. 25-51). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Vigotski, L. S. (1999). *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2004). *Teoría de las emociones: Estudio histórico-psicológico*. Madrid: Akal.
- Vigotski, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygostki, L. S. (2006). *Obras Escogidas IV: psicología infantil*. 2ª ed. Madrid: A. Machado Libros.

Recebido em 10/07/2019

Aceito em 30/10/2020